

UMA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O GOLPE DE ESTADO¹

George Eccarius

[Preliminares]

[*The People's Paper*, No. 21, 25 Setembro de 1852]

Não é um assunto que diz respeito a este país e que até então não nos debruçamos sobre, mas que consideramos digno de nossa atenção: ou seja, os pontos de vista absolutamente míopes e ignorantes sobre a mudança nos destinos públicos da França desde o segundo dia de Dezembro, feita por quase todos os autores que escreveram sobre o caráter e as consequências do golpe de estado. Uma breve revisão das publicações que apareceram em diferentes setores nesta temática irá processar a verdade desta afirmação, e mais importante, irá evidenciar como essas publicações pretendem ser as expressões e os sentimentos dos partidos e das classes pelos quais seus autores pertencem respectivamente.

No segundo dia de Dezembro, em face do golpe Bonapartista, era natural que todos os partidos que se opunham a ele concordassem e estivessem em comum linguagem – e assim era. O protesto combinado dos monarquistas e a proclamação de Montagne, como ditado pelos interesses em legítima defesa ao inimigo comum, diferiam somente no fato de que a última facção tinha pelo menos a coragem de pegar em armas enquanto os primeiros fizeram apenas um apelo covarde. Ambos tiveram o nome da constituição em suas bocas, uma constituição que foi sempre atacada, violada, suspensa e derrubada pelos monarquistas, enquanto foi ridiculamente e esperançosamente defendida pelos republicanos.

Mas o que eles fizeram desde então? Os legitimistas aceitaram, os Orleanistas denunciaram e os republicanos execraram o golpe de estado. Desde então alguém explicou ou entendeu o seu segredo? Para os legitimistas a culpa está nos socialistas, para os Orleanistas em Montagne e para os republicanos no crime de Bonaparte. Para essas casualidades, como a política equivocada de alguns representantes ou a frívola ambição de alguns indivíduos, as poderosas mudanças na condição de um povo é

¹ Tradução do original em inglês de Bruno Lacerra de Souza. Revisão de Angélica Lovatto.

atribuída pelos sábios políticos do dia, que ainda, isentando-se de todas as responsabilidades sobre eventos passados, tentam-se impor ao público como iniciadores do futuro, quando eles, bem como seus partidos, são sempre esmagados. Que pobre argumento para uma explicação histórica! Mas que rica fonte de panfletos, de recriminações e todos os tipos de ataques de personalidades antagônicas! Nós não somos certamente partidários do Sr. Bonaparte, nem queremos agradecê-lo, assim como ele não nos quis beneficiar com isso, substituindo as regras da tirania do parlamento da classe média por sua própria ditadura e de militares e vigaristas bem vestidos; mas estamos orgulhosos de seu sucesso, regozijamo-nos em seu triunfo temporário, pois ele assegura o triunfo de *nossos* princípios, o triunfo de *nossa* classe. Ele é a glória momentânea, a folia de uma hora, mas a nossa será a final, a definitiva vitória. *A ditadura de Bonaparte preparou a soberania da classe trabalhadora.* O que são todas essas lamentações sobre a decadência da civilização francesa? O que são todas essas esplendidas comparações com a queda do Império Romano na boca dos escritores da classe média e as confissões elegíacas de que os tempos de *sua* glória se foram na França, para nunca mais voltar? O que é isso que eles entendem por civilização, se não o governo dos proprietários de terra e dos capitalistas com seu apêndice de padres e advogados? É a ruína da classe trabalhadora que eles deploram? Céus! Deixe-os animados, sua ruína não depende das calamidades da classe média. É somente a ruína política da segunda, que prepara o advento da classe trabalhadora, que garante a sua salvação política e social. Quão profundamente esses escritores deploram, e quase choram, sob o declínio e a desesperançosa degeneração francesa, de uma infeliz e cega nação que poderia sacrificar suas liberdades públicas (?) para o prazer arbitrário de um tirano! O que essas liberdades alegam para serem sacrificadas? O sufrágio? Vocês se esqueceram da lei de 31 de Maio². A imprensa? – Porque você tinha amordaçado, multado, confiscado e suprimido. As associações? – Nunca existiram decretos de suspensão, altos tribunais, masmorras ou transporte dos líderes desses clubes! Não – Blanqui nunca esteve nos pontões da “*Belle Isle*”. Você nunca provocou – você nunca criou uma emboscada para o povo! Você nunca os matou em Rouen, massacrou-os em Lyons, nem os alvejou nas ruas de Paris! Para ouvir, o povo, antes do dia 2 de dezembro, eram livres e soberanos, assim como eram felizes e prósperos. Vocês maravilhosos faladores e escritores! Sim, decididamente; então era loucura e muita

² Essa lei adotada pela Assembleia Legislativa aboliu o sufrágio universal. – Ed.

vergonha por parte das pessoas abandonarem tais líderes desinteressados e leais, justamente no dia que eles proclamaram as liberdades da nação em perigo. Mas e se fosse de outra forma – se as pessoas não tivessem realmente o que perder – se valesse somente a *sua* liberdade, as *suas* leis sobre o povo, que estivesse em perigo – o que você diria? Não tem importância; pelo amor a moralidade as pessoas deveriam ter resistido a um homem³ que tão abertamente quebrou sua fé para com eles. Para eles? Porque ele nunca juraria obediência ou fidelidade para *eles*! Como seria absurdo supor uma "multidão vil e imoral" para defender a moralidade! Quem acostumou o povo a quebrar juramentos? Não foi Thiers, Berrier não, Molé, inocente; puras e honestas consciências. Foi Bonaparte que inventou a negócio nunca antes conhecido. O mundo era tão jovem, tão inofensivo e tão perfeito, que eu não conhecia quase nenhum crime ante desse agourento dia de dezembro, que pôs um fim ao paraíso da inocência política. A maçã do perjúrio nunca foi comida, mas o espetáculo de um bêbado e enraivecido exército apunhalando os pacíficos (porque eles eram pacíficos se suas liberdades estavam em perigo?), violando as virgens e demolindo a propriedade dos cidadãos (esta última foi o seu pior crime), não deveria animar o povo para se levantar em própria defesa? Porque? Eles não tinham nenhuma propriedade; os ricos haviam lhes deixado poucas virgens; e se e se os mortos tinham sido pacíficos, eles assim permaneceram sem serem mortos. As pessoas permitiram com que Bonaparte os vingasse para com seus inimigos, esperando o momento em que tivessem a oportunidade de se vigar de ambos. Eles estavam certos. O ditador sofrer para impor-lhes uma constituição é, sobretudo, um escárnio para com os princípios mais caros do povo, o sufrágio! Quão desgostoso é para uma nação ser iludida e enganada pelas aparências de uma liberdade irrestrita, que é de fato, uma escravidão ultrajante! Em primeiro lugar, eles não são nem iludidos nem estão enganados, pois sabem tão bem quanto um jornal liberal Inglês de suas posições. Então, como eles podem sofrer com isso? Eles só esperam pelo seu tempo. Os Orleanistas e os Republicanos sem dúvida acharão esse temo longo, desejando retornar para o seu país. Agora, o povo não tem um desejo como esse; eles estão, acima de tudo, sem pressa. O comércio está indo bem até agora. E vocês sempre não dizem, “*o povo deve permanecer quieto, sem se importar com nada, a não ser o seu trabalho?*”. Bom, eles irão se ocupar de seu trabalho enquanto eles ainda o têm, e depois disso irão procurar por si mesmos. Procurar por si mesmos? Isso não é assustador? Sim, para contemplar um povo disposto

³ Louis Bonaparte. – Ed.

a arriscar sua vida para a restauração de um príncipe, ou para a restauração de um parlamento da classe média – um povo que somente irá pegar em armas para cometer assassinatos! Adeus Civilização Francesa! Sem esperanças para a França a não ser para o seu povo. Aí está o grande dilúvio profetizado frequentemente pelos partidos no poder para o povo francês. Ele está chegando e sem escapatória. Oh! Sábio Lord Maidstone! Quando o nosso grande dilúvio Inglês começará?

Em nosso próximo número iniciaremos com um resumo dos trabalhos que apareceram em ambos os lados do “*Canal*”, sobre o assunto do *Golpe de Estado*, compreendendo o “*O18 Brumário de Louis Bonaparte*” por Karl Marx; “*O Golpe de Estado por Louis Bonaparte*” por Xavier Durrieu; “*Napoleão o Pequeno*” por Victor Hugo e “*A Revolução Social*” por Proudhon.

No. 1

[*The People's Paper*, No. October 2, 1852]

O império ainda não proclamado e as novas políticas corroborando com a máquina infernal me oferecem nenhum comentário; eu pretendo nessa carta criticar uma série de trabalhos sobre os eventos do dois de Dezembro, enumerados em meu último escrito, que ainda não circulou suficientemente entre o público Inglês e que não foi superficialmente apreciado pela imprensa inglesa. A ordem pela qual procederei diferirá da qual sinalizei na última carta, mas irá se demonstrar que é mais cabível, gradualmente progredindo, iniciando com o trabalho que meramente elucida as datas e os fatos históricos e partindo para o próximo que se eleva para uma contemplação dos mesmos fatos, mas de um ponto de vista geral das ideias tradicionais⁴; depois para dispor desse trabalho que, apesar de avançar um passo na direção revolucionária, trouxe Napoleão como a prova para real para a necessidade deste autor sobre os esquemas da doutrina socialista⁵ e finalmente, para concluir a revisão deste trabalho, como podemos aqui ao mesmo tempo apontar, o único que conseguiu sintetizar a história e os desejos

⁴ Uma alusão ao livro de Victor Hugo – Ed.

⁵ Referência ao trabalho de Proudon – Ed.

da geração presente para entender o momento revolucionário em que se encontram engajados⁶.

I. O Golpe de Estado de Louis Bonaparte

Por Xavier Durrieu, Representante do Povo.⁷

Os méritos deste livro consistem na grande probabilidade, ou melhor, na simples verdade, de sua narrativa. Como todas as testemunhas do dois de dezembro, que se levantaram para denunciar os crimes e a traição de Louis Bonaparte, foram acusados de exagero dos fatos, pela "Moniteur" e outros órgãos do governo, o autor deste livro tem prestado um grande serviço por seus depoimentos, o que certamente ninguém vai acusar de se tratar, por licença retórica ou poética, de uma imposição ao público. E se o talento de Mr. Durrieu como um escritor pode ser posto em dúvida na Inglaterra, onde seus "penny-a-liners"⁸ escrevem tais artigos admiráveis, embora ele seja um jornalista de Paris, o seu direito de descrever sobre as ações horríveis de que ele era o espectador e vítima ao mesmo tempo, continua a ser incontestável, e só se pode aplaudi-lo por ter a coragem de vir a público. Aqui você tem um curto relato dos acontecimentos a que ele se refere, e do papel que ele desempenhou.

Ele começa por um esboço de Louis Bonaparte e de seus principais cúmplices da execução do golpe de Estado. Passaremos direto pelo retrato do chefe, pois nenhuma descrição chega aos pés da realidade, especialmente o retrato que Victor Hugo nos deu daquele monstro canalha; vamos lançar um olhar apenas aos seus ministros.

General Magnan, o comandante da "avenida da carnificina"⁹, foi acusado em 1840 de ter favorecido tentativas de Bonaparte em Strasbourg e Boulogne. Chamado para comparecer no bar dos "Peers", ele negou e traiu seu então mestre infeliz, com tanta frieza e egoísmo desprezível, que até os "Peers" - os veteranos do tráfego da apostasia - sentiram-se enojados. Em 1848 ele foi acusado por alguns democratas de possuir dívidas com os Orleanistas, ele foi-se para o escritório, pediu a inserção de um protesto, no qual ele denunciou os Orleanistas e jurou que, como um soldado da antiga

⁶ Referência ao trabalho de Marx "*O 18 Brumário de Louis Bonaparte*" - Ed.

⁷ Xavier Durrieu. *Le coup d'état de Louis Bonaparte*, Genève et New York, [1852]. - Ed.

⁸ "Penny-a-liner" é um termo depreciativo para um jornalista que é pago para uma determinada quantidade de texto. É uma expressão antiga que remonta aos dias em que os escritores foram pagos um centavo para cada linha escrita. - Td.

⁹ Expressão que o tradutor optou para traduzir a expressão "Boulevard-butcher"

República, nos termos da Convenção, suas simpatias já tinham sido atribuídas às instituições republicanas. Três anos depois, ele assassinou aquela República para o pagamento de suas dívidas. General St. Arnaud, o ministro da Guerra, era um simples capitão em 1835, quando por certos serviços prestados no Castelo de Blaye - a prisão da infeliz duquesa de Angoulême - de repente foi promovido ao posto de general. Seus deboches e dissipações o colocaram em contato com o direito penal, não tendo seus antigos crimes o protegido. Louis Philippe o abrigou pela primeira vez - Luís Napoleão o abrigou agora.

M. Persigny, o então ministro do Interior, mas que não tinha a coragem de assumi-lo no dois de dezembro, promoveu-se da situação de “penny-a- liner” para a de confidente de Luís Bonaparte e fornecedor dos prazeres de seu mestre, no qual ele é ainda suposto de envolvimento, é também agente em suas intrigas e falsificações; a irmandade do crime é o segredo de seu presente esplendor.

M. de Morny, por último, pode ser considerado como o maior exemplo dos ladrões bem vestidos, desse bando de jogadores, vigaristas e falsários, que sempre escapam mesmo acusados de grandes crimes das garras da polícia. Ele deveria ter sido preso no dia três; ele aprisionou seus credores e acusadores no dois de dezembro. Os retratos dos quatro homens são tão verdadeiros como eles são familiares a cada parisiense.

Lamento que eu não possa deliciar lhes com a sua falsificação - o trabalho do Sr. Granier de Cassagnac¹⁰, um miserável sem vergonha, que ergueu quase nas ruínas fumegantes da insurreição dezembro, as estátuas de seus assassinos, elevando-os ao o posto de semideuses e idolatrando Bonaparte como o Salvador da sociedade. A propósito, vocês se divertirão ao ouvir que a polícia e do clero e seu departamento recebeu este novo apóstolo sob um arco triunfal, com a inscrição: “Para o defensor da ordem e da religião!”. Depois disso não ansiamos esperançosamente em breve ver a queda dos dois pilares da sociedade de classes?

Agora o Sr. Durrieu. Na manhã do 02 de dezembro apressou-se para o escritório da “*Révolution*”, um jornal fundado por Ledru - Rollin e investiu com esse nome, após seu concorrente, a verdadeira revolução tinha sido arruinada por ele na luta de junho¹¹. Como é habitual em Paris em tempos de excitação, as assim chamadas notabilidades

¹⁰ Referencia ao panfleto de Granier de Cassagnac, *Récit populaire des événements de décembre 1851*, Paris, 1852. – Ed.

¹¹ A Insurreição do Proletariado Parisiense em junho de 1848. – Ed.

revolucionárias, o que significam um punhado de ambições mesquinhas, realizaram uma reunião no escritório do jornal. Durrieu foi encarregado de elaborar uma proclamação. "*Constituição - Traição*" foram os dois pretextos, as insignificantes armas que só restaram para os democratas após sua separação da Revolução. O anúncio foi sinalizado. Assim foi que ocorreu a emissão a partir do escritório da "Imprensa". Mr. Durrieu reclama que eles eram tão pouco respaldados. Mas, para quem eles sinalizaram e para quem eles recorram? Houve algum dos líderes do povo - do povo reconhecido e acarinhado como seus campeões - entre os nomes do abaixo-assinado? Todos foram conhecidos por serem democratas-socialistas, "*liberais*" escritores, oradores, e trombetas da tribuna, mas cuja grandeza surgiu da ruína do partido proletário, cuja eloquência teve para a condição, o silêncio dos defensores do povo; em uma palavra, que sempre pregou submissão e calma quando um combate teve de ser combatido e que chamou às armas quando a revolução não tinha interesse na batalha, mas o próprio Sr. Durrieu tem a ingenuidade de revelar as razões pelas quais seus partidários não tinham influência sobre as massas, por que seus gritos de alarme foram descreditados como os gritos do pastor na fábula de Esopo. Eles tinham levantado o seu clamor, muitas vezes, quando não havia lobo para ser encontrado; na verdade, era uma coisa bastante usada por ele. Ele nos conta que, quando os representantes republicanos surpreendidos foram removidos em vans prisionais para Vincennes, ao passar nos Bulevares as pessoas tentaram quebrar suas escoltas, oferecendo-se para libertar os prisioneiros. O que disseram esses heróis da tribuna em resposta? "Pelo amor de Deus, desistam! Vamos continuar a nossa prisão, sabemos que somos *inocentes!*" Esses assustados, covardes *inocentes* – eles não merecem ser ridicularizados pelo povo? Estas tímidas e mansas almas, esses cavaleiros de triste semblante, foram oferecidos ao povo como seus guias, ou melhor, seus comandantes. Não, se o povo tivesse a escolha (mas não tinha, nem eles queriam então), eles teriam tido razão para preferir Bonaparte, embora um valete, um ladrão, um assassino e tudo aquilo que você pode chamá-lo (pois ele merece cada um desses títulos), mesmo quando ele os feriu no rosto, para que bando de pranteadores oficiosos, que enterraram a Revolução para poderem se lamentar sobre isso. Seus sermões desmoralizavam e aterrorizavam as pessoas, enquanto descaramento de Bonaparte despertava seus sentidos. Digo isso em relação ao Montagne e os líderes democratas como um corpo, eu não quero incluir em minhas invectivas contra esse partido cada indivíduo pertencente a ele (a democracia Francesa não pode ser confundida com a Inglesa. Na França ela representa os pequenos proprietários e

inquilinos. Na Inglaterra, a democracia se aplica diretamente ao movimento da classe trabalhadora); esses homens corajosos e generosos como o heroico Charles Baudin e o autor deste presente trabalho recuperaram o máximo de estima por seus princípios e pontos de vista estreitos. Mas essas são exceções, e nenhum herói ou mártir merece ter o povo ao seu lado, ao menos que ele lute para a participação direta das massas, em vez de lutar uma carta morta de uma constituição de classes ou a glória imaginária de alguma *verdade abstrata*. Mas este último ponto vou desenvolver numa próxima vez, como o Sr. Hugo com certeza ainda me dará melhor ocasião para isso. Quanto ao Sr. Durrieu, deixe-me acrescentar que após emissão de sua proclamação, ele assumiu seu posto nas barricadas onde lutou até a noite e de onde depois de tudo perdido, ele só escapou após de ser preso e ser conduzido para a prisão de “Mazas”, daí para as casamatas de “Bicêtre” e “Ivry”, de onde ele descreve os horrores com muito tato; transportado de lá a bordo do “Duguesclin” para ser enviado para “Cayenne” e finalmente expulso pelo ditador de seu país.

No. 2

[*The People's Paper*, No. 23, October 9, 1852]

Nossos leitores vão sem dúvida absolver-me por mais uma semana de apontamentos e comentários sobre os bem conhecidos atores, fraudulentos e desprezíveis que compõe a história oficial do dia, todas as festas, festanças, procissões, manifestações, conspirações, triunfos e refrãos, que formam o “*mise em scène*” do Império na França, através do qual eles esperam obter o poder de produzir uma impressão sobre o público, o qual não recebe nenhuma outra novidade, a não ser a de que “a maquinaria é composta pelo telégrafo elétrico”. Na verdade, estes são tempos sem graça e os homens certamente querem um pouco de lazer, no entanto, antes que se tronem capazes de se apresentarem com “*uma nova peça*”. E como bons atores necessitam ser críticos em primeiro lugar, deixando assim também as pessoas serem críticas de seu próprio passado revolucionário e decidirem quem são aqueles que aspiram a ser os seus líderes, provando a sua vocação para guiá-los em seus estudos. O drama revolucionário do futuro será um acerto e não uma falha. Irei prosseguir com minha análise.

II. Napoleão, o Pequeno, por Victor Hugo¹²

Seria difícil descrever exatamente meus sentimentos no momento exato em que me sento para criticar uma obra de tal reputação reconhecida pelo público, mas de tão poucos méritos sólidos ou duradouros, como esta última produção do mais esplêndido de todos os escritores franceses. O que eu aprecio nele, o que eu não poderia omitir expressar sem tornar-me culpado de ingratidão é o prazer que me deu na primeira leitura. E esse prazer será compartilhado por todas as pessoas que fizerem o mesmo, particularmente aqueles que o lerem em sua língua original. Victor Hugo fica realmente insuperável nas cadeiras da literatura francesa do século XIX. Ele é um verdadeiro gênio. Para comparar com alguns de seus conterrâneos, ou melhor, seus inimigos políticos, fazem para comparar Victor Hugo com Lamartine como poeta, com Alexandre Dumas como dramaturgo, com Eugene Sue como um escritor de romances ou com Odilon Barrot como orador, seria como comparar um Byron com um Wordsworth, um Shakespeare com Bulwer, um Walter Scott com um James, ou um Sheridan com um Osborne. Lamartine o mais inútil de todos os autores, o mais hipócrita de todos os homens, relata em sua "viagem ao oriente"¹³ que em sua juventude ele considerava o ápice de toda a grandeza humana de um homem, a união - em si mesmo -, do laurel do poeta, da palma da mão do orador e do cetro do político. Ele nos deixou o segredo de sua própria ambição.

Mas quão notavelmente essa ambição falhou! A história dificilmente vai reconhecê-lo com historiador, mas sem dúvida os atenienses lhe teriam dado o título de chefe de uma escola de retórica. Ah! A sua posteridade irá lhe conferir as honras que você ansiava em vão. Sim! Victor Hugo é o louro! Não posso deixar de extrair a seguinte passagem poética de seu último trabalho:

“Estamos na Rússia. O rio Neva está congelado. As casas são construídas sobre o gelo e carros pesados rolam sobre ele. Já não é a água, mas rocha. As pessoas vão para lá e para cá em cima deste mármore que um dia já foi um rio. A cidade continua funcionando, as ruas estão marcadas no gelo, as lojas abertas, as pessoas comprando, vendendo, comendo, bebendo, dormindo, acendendo fogueiras em um

¹² Victor Hugo, *Napoléon le petit*, Londres, 1852. – Ed.

¹³ A. Lamartine, *Voyage em Orient*. – Ed.

lugar que uma vez foi água. Você pode fazer o que quiser lá em cima do rio, sem nada temer, rir, dançar, ele é mais sólido do que a terra firme. Por que ele toca por baixo do pé como o granito. Viva o inverno! Viva o gelo! Isso vai durar até o Juízo Final! E olhe para o céu: é dia? é noite? o que é? Uma luz pálida enevoada paira sobre a neve, o sol está morrendo!”

Não, tu não és morte, ó liberdade! Um destes dias, no momento em quando menos se espera, na hora exata em que nos esquecermos de ti, tu subirás - Ó visão deslumbrante! o rosto da estrela, de repente, será visto da terra, resplandecente no horizonte! Sobre toda aquela neve, sobre todo aquele gelo, sobre tão duro branco e liso, ao longo do que a água se tornou rocha, sobre todo o inverno miserável, tu lançarás a tua flecha de ouro, teu ardente e raio refulgente! Luz, Calor, Vida! E em seguida ouviremos! Ouvi-lo batendo e provocando o ruído que a tudo permeia, é formidável! Crack! Quebra-se o gelo! Crack! Eis a fusão do rio Neva ! Crack! Um rio retomando o seu curso! Crack! A água, viva, alegre, e terrível, levantando-se hedionda, matando o gelo e esmagando-o. Lá se vai o granito, ele se estilhaça como vidro! Crack! O gelo está quebrando em sua superfície, eu lhe digo: Esse som é a verdade voltando, o progresso recomeçando, a humanidade retomando a sua marcha e desenraizando, transportando para fora, misturando-se, esmagando e se afogando em suas ondas, afogando profundamente os fantasmas, para sempre, não só o novo império de Louis Bonaparte, mas todas as estruturas e todo o trabalho do antigo despotismo! Olha para estas coisas como elas estão passando. Elas estão desaparecendo para sempre. Vocês nunca irão contemplá-los novamente. Esse livro, metade submerso, é o antigo código de iniquidade; esse banquinho afundando é o trono e este outro flutuando é a sua carcaça!

E para essa imensa submersão, esta suprema vitória da vida sobre a morte, o que era necessário? Um olhar de ti, ó sol! Um dos teus raios, ó liberdade!¹⁴

Sim, Victor Hugo é o triunfo da eloquência! E é também o Imortal da insurgência. Também lutou nas barricadas de dezembro. Mas o cetro do político: será que ele nunca pensou que aspirariam a ele? Para isso temos que absolutamente negá-lo e o retirar de suas mãos. Seus partidários podem confiar-lhe a liderança da Democracia. Será que ele não vê a prostração sem esperança do partido? Sua vaidade pode estar

¹⁴ Victor Hugo, *Napoléon le petit*, Livro 1, Cap. IV. – Ed.

lisonjeada com a suposição de um talento que não é dado a ele. Será que ele não percebe como ele coloca em risco a glória daqueles talentos que realmente estão em sua posse? Ai de mim! É então verdade que todos os grandes humanos - todos os heróis e mártires, todas as estrelas – encontrarão uma pedra em seu caminho, sobre a qual eles vão tropeçar! Deleitem-se, milhões! Vocês estão subindo na escala, o que faz com que seus grandes homens desçam¹⁵ Deixemo-los todos quebrar seus pescoços tropeçando sobre esta pedra da política, deixem ser lançados ao mar, se não puderem conceber o enigma da moderna esfinge – a solução revolucionária da luta das classes. Mas eu estou esquecendo de Napoleão, o Pequeno. O título é bem escolhido, se a intenção foi a de humilha-lo. Então por que isso não se realizou na própria obra? Houve um Napoleão, o Grande, mas Victor Hugo não nos mostra o pequeno. E se esse for trabalho de um homem: a dissolução da assembleia, o confisco das leis de supressão e da liberdade, a prisão pública dos representantes, o abate dos republicanos, o transporte de milhares, a profanação da religião, a prostituição da justiça, a proclamação de uma nova Constituição, o sequestro do nacional e quase da propriedade privada, a submissão da ação mais orgulhosa de seu prazer, a arbitrária restauração de uma dinastia, de um Império: se tudo isso é o trabalho de um só homem, como você afirma Sr. Hugo, como você pode chamá-lo de “Pequenino” em seu trabalho? Pelo contrário, a não ser no título, em todos os lugares que você ressalta suas dimensões pessoais para o mais próximo de um mentiroso, um trapaceiro, um perjuro, um assassino, é verdade, mas quando você o coloca ao lado de Nero, Atila, Jenghiz Khan, ou Rei Bomba¹⁶ você não pode afirmar, no mesmo fôlego, que ele é o “Pequenino”. Com todos os seus brilhantes paralelos você não obteve esse objeto. Se você tivesse mostrado que, por exemplo, a Assembleia já estava morta e decadente, quando enterrada por Bonaparte, que as leis já tinham sido suspensas e confiscadas; que uma supressão sistemática das liberdades públicas havia deixado pouco para o ditador adicionar, para que os seus representantes que estavam acostumados à prisão e transporte, pelas mesmas partes que já tinha abatidos seus republicanos, que a religião havia se profanado em todas as ocasiões como um instrumento de opressão governamental, que a justiça tinha proclamado a sua prostituição em seus tribunais de Maio e nos seus tribunais marciais de junho, em suma,

¹⁵ Provavelmente uma paráfrase do lema de “Revoluções de Paris”, um semanário revolucionário-democrático que foi publicado em Paris de Julho de 1789 a Fevereiro de 1794. O lema era: “*Les grands ne nous paraissent grands que parce que nous sommes à genoux: levons-nous*” (Os grandes só se parecem grandes para nós pois estamos aos seus pés: Vamos nos levantar!) - Ed.

¹⁶ Ferdinand II, King of Naples. - Ed

que toda a sociedade burguesa e suas regras de classe média já estavam podres de cima para baixo, com cheiro de suborno e corrupção, tanto quanto os soldados que chutaram seus pedestais, cheirando a aguardente e salsichas. Então você poderia ter justamente o chamou de “Pequenino”, cujo nome só, não a sua pessoa, era necessária na cabeça do golpe de Estado executado pelos últimos esforços desesperados do exército, do sacerdócio, dos funcionários e a multidão, para salvar-se de sua inevitável destruição pela revolução da classe trabalhadora que se aproximava, pela qual eles se sentiram expostos pela fraqueza e incapacidade de uma burguesia parlamentar. Então, o que para Bonaparte? Tornar-se o instrumento da situação. É sinônimo de grandeza comandar a situação. Obedecer é pequenez. Aí você o teria reduzido às suas dimensões adequadas. Você não teria feito tanto barulho sobre seu juramento - não foi ele dependente, “pequenino” em quebrá-lo? Então o título do seu livro teria sido de fato correspondente ao efeito. No entanto admiro seus paralelos.

“Pedro, o Cruel foi massacrado, mas ele não roubou; Henry III foi assassinado, mas não participou de nenhuma fraude; Timour Beg esmagou crianças sob os cascos dos cavalos, tanto quanto o Sr. Bonaparte exterminou mulheres e homens velhos nos Bulevares, mas ele nunca contou uma mentira”

No. 3

[*The People's Paper*, No. ° 24, 16 de outubro de 1852]

Tendo mostrado que o principal erro de Victor Hugo consistiu em atribuir todo o rumo dos acontecimentos, antes e depois do dois de dezembro, à política e conduta de um indivíduo, L. Bonaparte, recai sobre mim a tarefa de desenvolver as causas que necessariamente levaram nosso autor a tal falácia. Raciocinando em princípios gerais - os princípios gerais da sociedade - impostos pelas classes dominantes e incorporados em suas próprias crenças, Victor Hugo os julga de um ponto de vista errôneo; ele vê no homem a força motriz, em vez de procurar por ele nos interesses de classe, nos antagonismos de classes, e na revolução de classes, enquanto o homem é o mero expoente temporário da mudança, como o cata-vento prenuncia a direção do vento.

Victor Hugo pertence a uma classe que olha para o efeito como a causa - instrumento da mão que o utiliza. Nessa classe, certamente há aqueles que denunciam as desigualdades e os horrores do sistema atual com uma veemência e força declamatória muitas vezes superior às expressões da própria classe revolucionário. Ao ouvi-los seríamos capazes de acreditar que eles são mais socialistas do que o conjunto da classe trabalhadora. E quem são eles na realidade? Eles são reacionários. Não vou chamá-los de patifes, talvez eles sejam inconscientes da tendência real de suas doutrinas e ações, embora em nossa idade atual ilusões sejam impossíveis aos homens que vivem em contato com o mundo real. Mas certamente eles são os ingênuos das noções de classe, incutida em suas mentes como os princípios gerais da vida social. São incapazes de conceber que tais frases como a “liberdade do indivíduo”, “indústria”, “prosperidade” e “humanidade” proclamadas no início da nossa era moderna, são apenas as promessas sob as quais todos os resultados da sociedade da classe média foram necessariamente provocados, eles imaginam que esses resultados sejam todos falhas da degeneração moral dos governos, cujo cuidado com desenvolvimento dos princípios sociais foram confiados. E tal é particularmente o caso de Victor Hugo. Em sua visão os princípios do atual governo social são o direito e os homens a serem responsabilizados. Essa é a opinião de todos os moralistas reformadores da classe média. O que há de errado e perverso, pernicioso e deletério, é a culpa dos indivíduos e das classes que suportam esses indivíduos? Ah, eles nunca pensam em classes. Longe deles a concepção misantrópica de uma sociedade composta de classes e governada por interesses de classe. “Concertem a sua moral e as nações e seus governos serão perfeitos” esse é o seu lema. Eles sempre trataram as pessoas como um todo, abordando-as como um todo, supondo-os do mesmo credo, com uma consciência comum, com uma opinião universal. Tome isso como um dado e esses homens parecem grandes (pretensos) benfeitores da humanidade, os iniciadores de uma nova era, os restauradores do paraíso perdido. Conduzi-los nesta terra, mostrar às pessoas que não há nem uma comunidade moral, nem de consciência nem de opinião, sempre que possível, entre as diferentes classes com interesses opostos, que as instituições de classe produzem não só por necessidade esses fatos sobre os quais nossos filantropos lamentam, mas também os homens, a quem acusam de todos os arranjos travessos no corpo político e da dignidade dos semideuses, reduzindo-os à nulidade de falsos-profetas. Privar V. Hugo destas peças de vestuário, que com estilo, eloquência e poesia se espalharam ao longo do trabalho, o que nos resta é um sermão moral, cheios de vitupérios do Senhor e de repreensões para a classe

média, pregando para os pobres camponeses que não têm sabedoria, nem como eles caíram nas mãos do antigo formador, nem eles serão capazes de escapar das garras do último.

No. 4

[*The People's Paper*, No. 25, 23 de Outubro de 1852]

III. A revolução social como demonstrada pelo golpe de Estado por J.P. PROUDHON¹⁷

Suprimindo a maior parte da minha última carta, nós temos, sem dúvida, a sequência das considerações políticas das circunstâncias existentes das quais não posso me opor. Eu chego agora na série de minhas observações críticas, na última produção de um autor que adquiriu uma reputação considerável no continente pela “ousadia” de suas opiniões, e que é considerado por escritores ingleses de classe média como a própria encarnação do socialismo revolucionário na França, mas cujo único verdadeiro mérito consiste, como vou provar, no grave, mas verdadeiro julgamento que ele passou ali das concepções ocas do republicanismo e da democracia formal. O sarcasmo com que ele atacou e expôs tanto os líderes políticos e as notabilidades literárias dos referidos partidos têm atribuído para ele o apelido de “Mefisto” da democracia francesa. Como é possível que o significado deste epíteto possa não ser entendido pelos leitores, acho que conveniente dar uma breve explicação sobre isso. Existe uma antiga lenda alemã, muito familiarizada aos Ingleses por Marlowe¹⁸, mas universalmente divulgada na tragédia incomparável de Goethe¹⁹ em que as aspirações de um homem em direção a um estado imaginário de perfeição, são engenhosamente parodiadas sugestivamente pelo prático materialista e espírito do mundo (Mefisto), com quem o herói Fausto conclui um tratado de união indissolúvel. Fausto, um filósofo ou “artista negro”, como dizem as lendas medievais, cheio de sonhos selvagens, concebido em isolamento e ignorância da sociedade humana, apela ao espírito que tem o controle do mundo material, para ajudá-lo em a realização de seus planos visionários de perfeição. Mefisto, em seguida o familiariza às realidades da vida. Quanto mais Fausto se torna familiarizado com o

¹⁷ P.J. Proudhon, *La révolution sociale démontrée par le coup d'état du 2 décembre*, Paris, 1852. – Ed.

¹⁸ Ch. Marlowe, *The Tragical History of Doctor Faustus*. – Ed.

¹⁹ Goethe, *Faust*. - Ed.

mundo comum, mais ele acredita que se aproxima da realização de seu desejo ardente de perfeição através de um acúmulo de prazeres sensuais, perdendo a lembrança de suas primeiras concepções de orgulho, até que, depois de uma série de aventuras e experiências em que é atendido por Mefisto, a testemunha escarnecedora e impiedosa de suas fraquezas e vacilações, o nosso “nobre, aspirante e generoso” Fausto volta a pertencer à mesma baixa, degenerada e egoísta natureza da qual ele próprio tinha pensado para ser o reformador mais competente, tornando-se o exemplo mais oposto. Substituto para o “nobre” Fausto, uma “nobre” democracia; e vocês não podem chamar indevidamente “Proudhon” de seu Mefisto, na medida em que ele tem, de fato, não só lembrado e incitado a todos os múltiplos enganos e pontos fracos da Democracia Francesa, mas tratado com o mais severo desprezo suas pretensões hiperbólicas e suas ridículas ambições. E esse papel ele tem realizado desde que os democratas do Governo Provisório manifestaram sua incapacidade e os republicanos na Assembleia Nacional promulgaram seu formalismo reacionário na Constituição de 1848. Enquanto argumenta com seus precedentes que levantaram sobre seus ombros a Revolução, se isso significa alguma coisa, tem por objeto invariável “o deslocamento dos interesses anteriormente no comando da substituição de um governo para o benefício das classes oprimidas”, deixando todos os inimigos do progresso na posse imperturbável dos baluartes da sociedade, como o exército, a administração, a igreja, os tribunais e a polícia, permitindo assim, os meios de organizar a sua cruzada contrarrevolucionária. Proudhon esmaga o Partido Republicano demonstrando sarcasticamente como sua grande fórmula da liberdade - sua “pura e sublime” democracia - obteve a sua realização prática somente pelo abate de quase toda uma classe e através do estabelecimento de uma ditadura militar, colocada nas mãos do General Cavaignac. Mas o melhor de seus argumentos ele tem poupado para a refutação do dogma do Sufrágio universal e por este motivo ele deu o golpe mais mortal para a farsa da Democracia francesa. Lembro-me muito bem das tentativas feitas para persuadir o povo da Inglaterra de que o Sufrágio Universal era em si mesmo a cura de todas as iniquidades sociais que eles estavam sofrendo, e que em um determinado momento foi realizado quase um sacrilégio ou uma blasfêmia ao se falar dos direitos sociais ou sobre a questão do Trabalho. Felizmente eles aprenderam que, longe de ser o fim definitivo do desenvolvimento político, é apenas o primeiro passo decisivo na direção revolucionária, o pedaço de terra necessária para a organização do seu exército, o campo aberto, em que a guerra, até então disfarçada de classes pode finalmente ser disputada, os meios em uma palavra, e não o

fim, da emancipação das pessoas. Mas quanto estamos endividados para com esse conhecimento, para com os experimentos, que por necessidade de nossa própria realidade, a nação francesa tem feito em nome de todo o mundo e do qual a própria nação esperava para colher os frutos, se não tivesse, por denúncia de Blanqui e outros líderes revolucionários, deixado finalmente de acreditar na ilusão fatal em que a democracia levou-os através da representação do Sufrágio universal como a vara mágica, que só deve ser aplicada uma vez, quando os tesouros de um novo paraíso social fossem abertos para o mundo.